

UMA ANÁLISE ONTO-MARXIANA DA DUPLA OPRESSÃO DA PESSOA LGBTQI+ NA SOCIEDADE CAPITALISTA

José Rafael Barros de Moraes¹
Eliomar Araújo de Sousa²
Geysse Gadelha Rocha³
Iana Jessica Ximenes Paiva⁴
Daniele Kelly Lima de Oliveira⁵

RESUMO

As pessoas LGBTQI+ que também fazem parte da classe na trabalhadora, sofrem um processo de dupla opressão na sociedade capitalista, por serem do setor produtivo e por não fazerem parte do grupo hegemônico no que concerne à sua orientação sexual e identidade de gênero, chamado de heteronormativo. A ontologia materialista de Marx, recuperada pelo filósofo húngaro Lukács nos dá elementos para problematizarmos essa questão e buscarmos caminhos para uma reflexão para além do capital em busca de uma articulação entre a luta de classes e a luta dos grupos historicamente excluídos e marginalizados pela sociedade capitalista. O objetivo desse trabalho é provocar reflexões sobre essa temática, jogando luzes sobre a necessidade de respeito à diversidade. A metodologia aplicada a esse trabalho foi a pesquisa teórico-bibliográfica. Concluimos que a luta do grupo faz parte de um processo histórico, no qual os seres que vivem essa realidade precisam se posicionar com suas identidades e militância.

Palavras-chave: Ontologia do ser social, LGBTQI+, Dupla opressão.

INTRODUÇÃO

Quando pensamos no grupo LGBTQI+, sigla que diz respeito à lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *queer*, intersexuais e o símbolo + para todas as outras identidades que

¹ Pós-Graduando em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade de Quixeramobim-UNIQ. Graduado em Letras/Inglês pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Membro dos grupos de estudos Gramsci e a formação do educador/UVA, e do Grupo de Estudos Lutas Universitárias, Trabalho e Educação (GELUTE)/UVA. Pesquisador do Grupo de Pesquisas e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (GPEEMPODERAR)CNPQ. E-mail: rafabarros.letras@gmail.com;

² Pós-Graduando em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade de Quixeramobim-UNIQ. Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Membro dos grupos de estudos Gramsci e a formação do educador/UVA, e do Grupo de Estudos Lutas Universitárias, Trabalho e Educação (GELUTE)/UVA. Pesquisador do Grupo de Pesquisas e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (GPEEMPODERAR)CNPQ. E-mail: elio2015_@hotmail.com;

³ Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Membro dos grupos de estudos Gramsci e a formação do educador/UVA, e do Grupo de Estudos Lutas Universitárias, Trabalho e Educação (GELUTE)/UVA. Pesquisadora do Grupo de Pesquisas e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (GPEEMPODERAR). E-mail: geyssegadelhar@gmail.com

⁴ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Pesquisadora do Grupo de Pesquisas e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (GPEEMPODERAR). ianajessica42@gmail.com;

⁵ Professora adjunta da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (PPGEB/UFC). Coordenadora dos grupos de estudos Gramsci e a formação do educador (UVA), e do Grupo de Estudos Lutas Universitárias, Trabalho e Educação (GELUTE/UVA). Coordenadora do Grupo de Pesquisas e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (GPEEMPODERAR). E-mail: dankel28@yahoo.com.br.

não são contempladas na sigla, dentro da sociedade capitalista, entendemos à luz da Ontologia materialista do ser social que este grupo, bem como os demais grupos excluídos e historicamente marginalizados, como por exemplo as mulheres, população negra, indígenas, que também venham a compor a classe trabalhadora passam por uma dupla opressão, primeiro por serem trabalhadores, e em segundo lugar por sua orientação sexual, identidade de gênero e/ou etnia.

Nesse sentido, esse trabalho tem por objetivo realizar algumas reflexões sobre esse fenômeno da dupla opressão, especificamente para o grupo LGBTQI+ e quais contribuições a ontologia marxiana-lukacsiana pode trazer a esse debate.

Esse trabalho é resultado dos estudos realizados nos grupos de estudos Gramsci e a Formação do Educador, Grupo de Estudos Lutas Universitárias, Trabalho e Educação (GELUTE), e do Projeto de Pesquisa Diversidade e Educação: uma análise onto-marxiana do movimento LGBTQI+, abrigados no Grupo de Pesquisas e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (GPEEMPODERAR)CNPQ, sediado na Universidade Estadual Vale do Acaraú e coordenados pela professora Dra. Daniele Kelly.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada a esse trabalho foi à pesquisa teórico bibliográfica e os debates realizados junto aos grupos de estudos Gramsci e a formação do educador e do grupo de estudos Lutas Universitárias, trabalho e educação – GELUTE, e no Projeto de Pesquisa diversidade e educação: uma análise onto-histórica do movimento LGBTQI+. Temos como base teórica para nossas análises os pressupostos da filosofia marxiana, a partir da ontologia do ser social de Lukács e as categorias gramscianas, portanto uma concepção dialética da história.

DESENVOLVIMENTO

De forma breve iniciaremos nossa reflexão com uma explanação acerca da ontologia materialista de Marx, recuperada pelo filósofo húngaro Lukács, a fim de pensarmos suas contribuições nas reflexões acerca da dupla opressão que o grupo LGBTQI+ sofre na sociedade capitalista, quando além de fazer parte desse grupo faz também parte da classe trabalhadora.

Para Lessa (2007, p.13) ontologia lukacsiana, que é uma recuperação da ontologia marxiana, tem por objetivo demonstrar a possibilidade de emancipação humana, da superação da barbárie da exploração do homem pelo homem. Essa ontologia tem a vida cotidiana do homem como potencial emancipatório do gênero humano para compreensão do ser e suas manifestações.

A ontologia lukacsiana faz a recuperação dos estudos de Marx, trazendo o estudo do ser social, da essência humana e de como esse ser se constrói historicamente. É importante ressaltar que para Marx, diferente das ontologias anteriores, metafísicas, o homem não é um ser que nasce com todo seu destino pré-definido, ao contrário, na ontologia materialista, o homem é resultado de múltiplas determinações, sendo sujeito de sua própria história, portanto, vive em constantes mudanças, num processo de vida dialético, e não estático, como nos queriam fazer pensar as ontologias anteriores.

Ao nos apresentar a ontologia de Lukács, Sérgio Lessa (2015) faz uma importante diferenciação entre as ontologias anteriores e a ontologia materialista marxiana-lukacsiana, haveria nas investigações acerca da essência humana dois grandes momentos, o primeiro de ontologias metafísicas e o segundo, de uma ontologia materialista, com Marx.

O primeiro vai dos gregos até Hegel, e o segundo, de Marx até os dias atuais. O primeiro período se subdivide em três momentos A Grécia Antiga que, desde Parmênides, estabeleceu o patamar do que viria a ser a discussão, até Hegel; o período Medieval, Santo Agostinho e SãoTomás como seus maiores expoentes e, finalmente, Hegel, principalmente o da *Fenomenologia do Espírito*. O que caracteriza todo este primeiro período e a concepção dualista/transcendental de que teríamos um “verdadeiro ser”, que corresponderia à essência do ser, à eternidade, ao fixo; e um ser menor, ou uma manifestação “corrompida” do ser, que seria a esfera do efêmero, do histórico, do processual. (LESSA, 2015, p. 8)

Para Lukács (2012) o cosmos é composto por três esferas: a primeira é o do ser inorgânico, não possui vida. Seu processo de transformação, sua evolução, nada mais é do que um movimento pelo qual algo se transforma em outro algo distinto, ou seja, não existe produção de seres. A segunda é a esfera orgânica, que é o mero recolocar do mesmo, que caracteriza a reprodução biológica ou torna-se outra esfera inorgânica, a terceira é a social, na qual a consciência tem um papel fundamental para que homens respondam de maneira sempre nova às situações posta pela vida.

Um ser emancipado tem a capacidade de compreender sua realidade, conquistando autonomia cultural, responsabilidade ética, da sua competência produtiva, do compromisso político e social que surge com amadurecimento educacional. A modernidade impediu que o ser viva de forma emancipada quando secundarizou o humano em função da acumulação da

capital. Coube a Lukács, filósofo húngaro, resgatar a ontologia materialista de Marx, que situe e resgate o homem enquanto ser social.

Para Lukács a análise de Marx é a mais completa no exercício de compreensão do ser por ter que considerar sua materialidade, historicidade, dinamicidade e totalidade, que ele denomina de método dialético, que tem como pressuposto de que “o que é absoluto e o relativo forma uma unidade indestrutível e que a verdade possui seus próprios elementos relativos, ligados ao tempo, ao lugar e a circunstância” (LUKÁCS, 1997, p. 82) Aqui estabelecendo o que é principal critério para o ser ou não-ser das ações do homem, inclusive seu reconhecimento na sociedade é realidade social, que é possível compreender os fenômenos da vida social a partir da história, e assim compreendendo sua processualidade, circunstancialidade e totalidade.

Encontra-se em Marx a possibilidade de compreender e determinar a essência humana e a especificidade do Ser social, considerando o mais elaborado manifesto do Ser. Marx desvenda continuamente a nível crítico da vida cotidiana e elabora de forma consciente as determinações ontológicas que são a base da história que é ciência responsável de compreender as múltiplas funções do ser ou não-ser na realidade social.

O lugar de compreender o ser pode não ser outro que a vida cotidiana, que o acontecimento em sua materialidade e sua historicidade. A apreensão das manifestações do ser na vida cotidiana não pode ser dar de forma imediatista ou isolada. Os fundamentos da crítica marxiana estão mesmo nas manifestações mais elaboradas do ser social, que mobiliza o método crítico da vida cotidiana na tentativa de recuperar que foi reduzido a mercadoria pelo capitalismo.

É importante entender a lógica do capitalismo, já que ela é a estrutura fundamental para compreender como as classes são oprimidas socialmente e colocadas umas contra as outras. Nas discussões de Tonet (2012) entendemos que o capital é uma relação social e não uma coisa. Esta relação por sua vez, tem origem na compra-e-venda de força de trabalho do produtor pelo capitalismo. Essa compra-e-venda assumem diferentes formas na sociedade, que implica sempre na dominação do capital sobre o trabalho e acontecendo a apropriação pelo capitalismo da maior parte da riqueza produzida, riqueza aqui entendemos que é tudo aquilo produzido pelo gênero humano produz.

A divisão e organização do trabalho assumem diferentes formas em sociedade nas quais o valor de uso e as necessidades exercem as funções reguladoras decisivas pelo Ser social ser fundado pelo trabalho. O modo de produção capitalista que é orientado para

multiplicação da riqueza material por meio da auto-expansão do valor de troca. Com as ideias de Mézáros que afirma que o caráter historicamente excepcional do capitalismo de produção e distribuição que, primeiro, tem que subjugar, no curso de seu desenvolvimento histórico, várias determinações naturais espontâneas antes que pudesse com sucesso impor a humanidade os imperativos materiais de seu próprio funcionamento. Para impedir o Ser social desse lugar na sociedade torna

[...] a produção de riqueza a finalidade da humanidade, foi necessário separar o valor de uso do valor de troca, sob a supremacia do último. Essa característica, na verdade, foi um dos grandes segredos do sucesso da dinâmica do capital, já que a limitações das necessidades dadas não tolham seu desenvolvimento. O capital estava orientado para produção e reprodução ampliada do valor de troca, e portanto poderia se adiantar á demanda existente por uma extensão significativa e agir como estímulo poderoso para ela (MÉSZÁROS, 2011. p. 606).

A LUTA DE CLASSES E A LIBERTAÇÃO DO GRUPO LGBTQ+

A dupla opressão acontece quando a pessoa é LGBTQI+ é também da classe trabalhadora, vivem duas desigualdades sociais no cotidiano que requer resistência para sobreviver frente ao poder que é exercido por outros seres que são classe dominante e do grupo dominante.

A luta contra o preconceito da pessoa LGBTQI+ está relacionada à luta contra a sociedade de classes em geral por diversas razões. A primeira, é que somente com o fim da sociedade de classes pode-se criar a base material econômica e o impulso cultural necessário para dismantelar o modelo da família monogâmica como o único núcleo básico da sociedade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A grande parte da sociedade brasileira faz parte da classe trabalhadora, e por essa razão é que a vasta maioria das pessoas LGBTQI+ são trabalhadoras, jovens, trabalhadores temporários e desempregadas que levam uma vida de dupla opressão em relação à classe social, por serem pobres, no local de trabalho e nas condições de vida (ou de sobrevivência), quanto à sua identidade sexual ou de gênero. Uma parte das pessoas com identidades consideradas desviantes na sociedade, tem seu acesso à educação negado por terem que trabalhar muito cedo para sobreviver, diferente de alguém heteronormativa que vive em uma família monogâmica e tem maior possibilidade de sobrevivência e aceitação social.

Juntar-se às lutas contra estas duas formas de opressão é, portanto, algo extremamente necessário, pois precisamos articular as lutas dos grupos excluídos e marginalizados com a luta pela superação da sociedade dividida em classes. Não devemos esquecer que os

preconceitos quanto à orientação sexual existem para dividir os trabalhadores, enquanto que a classe trabalhadora é deveria perceber que no capitalismo todos que a compõe são oprimidos, o exemplo é que os trabalhadores heterossexuais acreditam que mesmo sendo oprimidos pelo capitalismo, são superiores aos homossexuais, da mesma forma que os preconceitos racistas são alimentados. As estruturas alienantes que advém do trabalho explorado alimenta nesses trabalhadores a vontade de dominar e não de ser consciente em uma perspectiva de igualdade.

Marx concebe a essência humana como algo dinâmico, social e historicamente construído a partir da subjetividade que nasce e se alimenta dos atos dos trabalhos. Por aqui, pensamos o indivíduo como demiurgo de seu próprio destino.

Esses movimentos que lutam pelo direito dos menos favorecidos na sociedade capitalista, que se articulam em grupos específicos, como os LGBTQI+, as mulheres e a luta étnico-racial, como informa Montaño e Duriguetto (2011), em sua obra “Estado, classe e movimentos sociais” são chamados de “novos movimentos sociais”, que surgem por meados do século XX, têm por objetivo ser um complemento das lutas de classes dos movimentos clássicos. Assim somando na luta contra o capitalismo e opressão que é imposta por eles. Para os autores esses movimentos são vistos como alternativas para contribuir com movimento de classe tradicionais e aos partidos políticos de esquerda.

O movimento pela liberdade de orientação sexual e identidade de gênero, da formação de coletivos alternativos, pela liberdade de expressão das suas identidades e seus modos de se vestir, um dos principais momentos na história para questionamento e reivindicação pela população LGBTQI+ se desenvolveu a partir do evento histórico conhecido como Maio de 1968, que permitiu esse livre exercício da sexualidade e das identidades que destruíram a barreira entre o “masculino/feminino”, que era dada a estas pessoas, por meio de protesto contra a discriminação racista, sexista e LGBTQfóbica.

Em 2019, completamos 50 anos do marco inicial para a luta do grupo específico LGBTQI+, que ocorreu nos Estados Unidos, em 1969, no bar chamado *Stonewall*, no qual policiais atacaram esse lugar só por ser frequentado por pessoas da comunidade, assim todos que estavam reagiram a repressão da polícia como uma forma de resistência, assim surge o dia do orgulho gay (atualmente LGBTQI+).

CONCLUSÃO

Percebe-se que a luta do grupo faz parte de um processo histórico, no qual os seres que vivem essa realidade precisam se posicionar com suas identidades e militância, por existir um

grupo heteronormativo que construiu uma hegemonia historicamente construída diante dos outros grupos quando se fala em identidade de gênero e sexual. Porém para que isso aconteça é necessário um processo histórico de reconhecimento do ser em sua realidade para emancipação humana, pois a partir da compreensão do ser social e de suas ações realizadas no curso da história da humanidade, no universo de sua materialização, por meio do método dialético, será possível sua compreensão e transformação da realidade.

É através do método dialético que conseguimos ver a realidade em constante movimento, com rupturas e superações nas ações do homem que possibilitam repensar a história.

Ao discutimos o termo hegemonia estamos pensando dentro das categorias gramscianas, pois ela se refere à dominação intelectual e econômica, que uma classe ou grupo tem sobre a outra. Essas classes e grupos considerados subalternos eram vistas por Gramsci como tendo uma vida fragmentada, isso como uma característica da própria situação social, pois esses grupos se encontram submetidos à exploração e opressão. Mas essa condição deve ser superada historicamente por meio de um processo dialético que está em constante ruptura, e é a forma pela qual o ser vê a realidade e a entende que está em constante mudança, impulsionada pelas contradições. Esse é um processo de educação das massas que é negado a classes trabalhadora, e assim negado aos grupos específicos duas vezes, que não se reconhecem como classe trabalhadora e às vezes não se reconhecem como LGBTQI+ negando suas identidades.

Esse processo de educação das massas as levariam, na perspectiva gramsciana, a deixarem de ser subalternas e passarem a ser hegemônicas, ganhando organicidade e a perspectiva da totalidade, por conta da articulação e capacidade de ser consciente diante da realidade, construindo uma contra-cultura, que corroboraria no processo de superação da sociedade de classes. Com isso, não fazemos apologia a um modelo de educação salvacionista, visto que a raiz dos males sociais encontra-se na base da sociedade capitalista, qual seja trabalho explorado, divisão social de classes e propriedade privada dos meios de produção.

REFERÊNCIAS

BONA JUNIOR, Aurélio. **A Ontologia de Lukacs e a sexualidade na perspectiva emancipatória.** Revista Filosofia e Educação (online), v. 3, n. 2, p, 1946, 2012.

LESSA, Sérgio. **Lukács e a ontologia:** uma introdução. Outubro, v. 5, n. 1, p. 89-100, 2001.

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

_____. **Para compreender a Ontologia de Lukács**. 3ed. Ijuí: Editora Injui, 2007.

LUKÁCS, Georg. **Ensaio sobre literatura**. In FREDERICO, Celso. Lukács: um clássico do século XX. São Paulo. Moderna, 1997.

MARCONI, Alessio. **Movimento LGBT: Libertação e Revolução**. Revista Esquerda Marxista (online). 2007.

MESZÁRÓS, Istivá. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2011.